

# Confiança

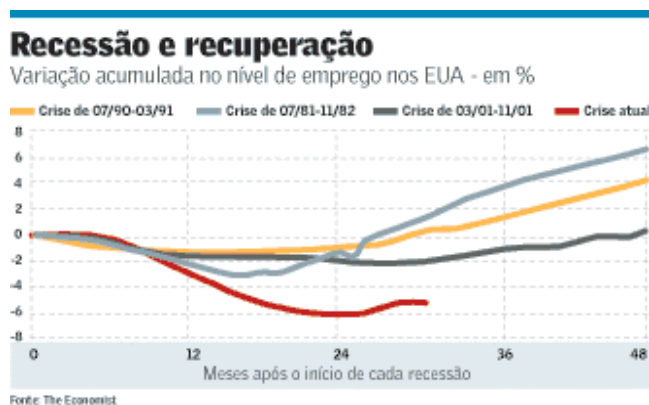
Antonio Delfim Netto

Valor, 10.8.2010

A perspectiva da economia mundial para o segundo semestre melhorou. O problema nos EUA, entretanto, é mais complexo do que parece. O país está vivendo a undécima recessão depois do fim da Segunda Guerra Mundial. A quarta a partir de 1980, como se vê no gráfico abaixo.

Sabemos que o sistema de economia de mercado (cujo codinome é "capitalismo") é um eficiente alocador de recursos na produção de bens e serviços desejados pelos consumidores. Tem, contudo, uma tendência ínsita à flutuação gerada pela própria dinâmica do seu funcionamento e pelo comportamento dos agentes (sujeitos à alternância entre o "otimismo" exagerado e o "pessimismo" assustador). Essa é uma das razões pelas quais seu bom funcionamento exige um Estado constitucionalmente regulado, suficientemente forte para, por sua vez, regular o setor privado.

A grave crise que os EUA estão vivendo é diferente das dez últimas. Está mais próxima à de 1929: combinou um entusiasmo exagerado do setor privado, produzido pelas amplas possibilidades abertas pelo rápido aumento da globalização, com uma espetacular criação de crédito gerada pela ilusão de segurança na avaliação de riscos e o conseqüente aumento da alavancagem financeira. Isso mostra que, na mesma forma que em 1929, ela foi produzida por "falhas" do mercado tornadas possíveis por "falhas" do governo, que deixou de cumprir o seu papel de regulador.



A "crise" é simplesmente a interrupção do "circuito econômico", produzida por uma incerteza generalizada e pela perda de confiança dos agentes: os banqueiros suspendem seus empréstimos entre si e aos clientes; os consumidores param de consumir, porque não têm certeza de que continuarão empregados; e os empresários param de produzir e de investir, porque têm medo de ver diminuírem as suas vendas e aumentarem seus estoques sem que possam financiá-los. A resposta natural do governo a esses fatos é: 1) uma ação do Banco Central para tentar induzir os banqueiros a restabelecerem suas linhas de crédito (interbancário e clientes); e 2) aumentar o seu dispêndio através de um aumento do endividamento (venda de títulos públicos) financiado pelo oferecimento de garantia aos recursos que o setor privado, pela falta generalizada de "confiança", deixou de aplicar e, assim, interrompeu o "circuito econômico".

Na crise, à custa de um aumento do endividamento público, a demanda do governo supre a deficiência da demanda privada resultante da quebra de confiança dos agentes privados. A superação definitiva da crise envolve, portanto, o restabelecimento da "confiança" de todos os agentes capazes de produzir um crescimento robusto. É este que vai aliviar a pressão da dívida pública criada na substituição passageira da deficiência da demanda privada.

O presidente Obama gastou boa parte do seu patrimônio político fazendo o Congresso aprovar medidas importantes (busca de energia renovável, saúde, setor financeiro etc.), mas tem perdido apoio. A verdade é que não conseguiu restabelecer a "confiança" do setor privado. A maior prova disso é a existência de mais de US\$ 2 trilhões na caixa das empresas não financeiras, aplicados em títulos públicos e não na produção e no aumento do emprego.

O gráfico abaixo mostra como esta recessão tem sido cruel com o nível de emprego, que é a "medida" do insucesso do governo. Hoje, os EUA têm cerca de 27 milhões de desempregados: 14,6 milhões à procura de emprego, 6,4 milhões dos quais há mais de seis meses; 8,6 milhões trabalhando em tempo parcial; 2,6 milhões executando tarefas aleatórias ("biscates") e 1,2 milhão que já desistiu de procurar emprego.

Os últimos resultados das pesquisas mostram que a aprovação da "obamanomics" não é hoje maior do que 30%. Isso ocorre, basicamente, por conta da fraqueza da recuperação do nível de emprego. Hoje, sete entre cada dez americanos consultados vêm no desemprego o maior problema da economia e têm dúvidas que ele vai melhorar. O presidente Obama talvez, inadvertidamente na forma, tenha agredido demais o setor produtivo e agradado demais o setor financeiro! E os seus exageros verbais (como no caso do vazamento de petróleo e da regulação financeira, por exemplo) têm lhe tirado credibilidade, junto ao setor real da economia. A prova disso é o duríssimo documento "Emprego para a América" produzido pela influente Câmara

de Comércio dos EUA e a ele dirigido. Se Obama não reconstruir a confiança do setor real da economia, não há esforço público que possa restabelecer o nível de emprego.

**Antonio Delfim Netto** é professor emérito da FEA-USP, ex-ministro da Fazenda, Agricultura e Planejamento. Escreve às terças-feiras